

**DIOCESE DO FUNCHAL**

**MISSAS DO PARTO**

*Maria de Nazaré  
modelo de jovem de oração*



**ADVENTO|2017**

## **TEMÁTICAS DAS MISSAS DO PARTO**

### **Maria de Nazaré Modelo de Jovem de Oração**

**Tempo de Advento:** O Natal aproxima-se. Mas o Natal não é apenas uma data ou mais uma festa na nossa vida. O Natal é Jesus que se aproxima de cada um de nós. É mais uma oportunidade que Deus nos dá para abrir ou para fechar o coração à sua presença e proximidade na nossa vida. O tempo do Advento são quatro semanas, mas Deus ainda nos dá, através da Igreja, destes nove dias de preparação imediata para o Natal de Jesus. O nosso Deus é um Deus que vem, que nos visita, que tomou a iniciativa e nasceu no meio de nós para nos dar vida. É um tempo favorável, em Igreja, de descobrir esta vinda, esta esperança que não desilude, este nascimento do Menino Deus que nasce para que nós possamos nascer sempre de novo para as atitudes próprias do Evangelho.

**Apresentar modelos para os jovens:** Os jovens necessitam, para crescer e amadurecer, de bons modelos. Apresentamos nestas nove missas do parto, Maria como modelo de uma jovem que com toda a alegria e generosidade deixou Deus entrar na sua vida e através D'Ela no coração do mundo.

**Missas do Parto:** as quatro semanas de preparação terminam com o novenário: as missas do Parto. É uma das tradições religiosas madeirenses, únicas e originais, que marcam profundamente a preparação para o Natal. Mas a vida da Igreja não é apenas celebrar tradições ou a riqueza do passado mas de apresentar caminhos para o hoje da vida e para o futuro na consciência que Deus é a Felicidade que tantos ansiamos. Sejam as

missas do parto um tempo oportuno para encontrar Jesus na sua Igreja com a ternura e a Fé de Maria. Seja um verdadeiro meio de evangelização.

**Uma proposta em vista do Sínodo sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional e o Programa Pastoral da Diocese do Funchal 2017/2018 - Diocese: Igreja Jovem com os Jovens:** com Maria vamos caminhar redescobrimo o caminho da fé para fazer brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo. Trata-se de conduzir pela mão maternal de Maria os homens para lugares de vida, da amizade com Cristo.

### **Percurso Temático:**

**16 de dezembro:** Maria de Nazaré, a Jovem de oração fervorosa e ardente.

**17 de dezembro:** Maria de Nazaré, a Jovem de oração que canta a alegria da fé.

**18 de dezembro:** Maria de Nazaré, a Jovem da oração dos justos.

**19 de dezembro:** Maria de Nazaré, a Jovem da oração da esperança.

**20 de dezembro:** Maria de Nazaré, a Jovem da oração humilde.

**21 de dezembro:** Maria de Nazaré, a Jovem da oração de júbilo e alegria.

**22 de dezembro:** Maria de Nazaré, a Jovem da oração de súplica.

**23 de dezembro:** Maria de Nazaré, o convite à oração e conversão.

**24 de dezembro:** Maria de Nazaré, a Jovem da oração do compromisso.

**Este trabalho foi realizado por uma equipa e com a coordenação do Secretariado de Pastoral:** Cónego Vítor dos Reis Franco Gomes, Irmã Teresa Pinho e as Missionárias da *Verbum Dei* e o Padre Carlos Ismael Faria Almada.

A todos os Párocos e suas Comunidades desejamos um Santo e Feliz Natal cheio de paz e amor.

**Sábado, 16 de dezembro**

**Maria de Nazaré, a Jovem de oração fervorosa e ardente**

Primeira leitura – Sir 48, 1-4.9-11

Salmo – 79 [80], 2-3.15-19

Evangelho - Mt 17, 10-13

Na primeira leitura, Ben-Sirá faz o elogio do profeta Elias, considerado como o pai dos profetas em Israel. Diz que a sua vinda é como um fogo enviado por Deus. As suas palavras consumiam como um facho ardente. A imagem simbólica do fogo é uma das mais antigas para transmitir a vinda de Deus, a sua presença misteriosa no meio dos homens. Lembremo-nos que Moisés escutou a voz de Deus no meio dum fogo e que uma coluna de fogo guiava o povo de Israel durante a noite no seu itinerário do deserto à terra prometida. Pela sua palavra, o profeta transmite o fogo da Palavra de Deus. É uma palavra que não destrói, como pode acontecer com o fogo, mas que purifica e transforma. Uma vez revelada através do profeta, ela tem impacto e denuncia o pecado de idolatria que é a deriva permanente de Israel. Tendo em vista combater a idolatria, Deus enviou Elias para anunciar a Acab a seca e a fome sobre Israel, para fazer descer o seu fogo sobre as tropas do rei Ocozias, filho de Acab. A Palavra que desceu do céu como fogo foi a mesma que arrebatou Elias para o céu num carro de fogo. Esta Palavra é o próprio Filho de Deus que vem habitar na nossa terra, no nosso coração, para nos transformar à sua imagem e conduzir até a casa do Pai.

A oração é sinal da marca de Deus em nós porque Ele criou-nos à sua imagem e semelhança e pôs em nós o desejo de procurá-lo e de amá-lo. Quem reza deixa-se envolver e purificar pelo fogo de Deus - que é o seu amor - e aprende a amar. Quem reza e segue Jesus afasta a idolatria que fixa o desejo apenas nas coisas que se veem e esquece a inquietação da alma que é como um fogo no íntimo de cada pessoa. A missão de Elias não é finalmente a de condenar mas a de fazer viver no amor de Deus e a de reconciliar os pais com os filhos, isto é, a de trazer a paz.

No Evangelho, os discípulos de Jesus dão conta da esperança

que anima Israel. Antes de chegar o Messias, Elias virá de novo para anunciá-lo. Afinal, Deus prepara progressivamente o seu povo para receber a plenitude da Aliança. Porém, enquanto os seus discípulos apontam para a vinda de Elias no futuro, Jesus considera o presente. Os tempos de Deus não são os dos homens. Elias já veio e eles não souberam reconhecer os seus sinais. Não se deixaram interpelar pelas suas palavras. Jesus fala de João Batista, Elias dos tempos novos. João não só foi ignorado, mas até maltratado. Os seus contemporâneos ignoraram os sinais de Deus, comportaram-se como cegos, incapazes de verem a luz. A recusa de João tornou-se ainda mais visível na recusa do Filho do homem, do próprio Jesus. No momento em que Deus implanta definitivamente na humanidade o fogo do seu amor, na Pessoa do seu Filho e do seu Espírito Santo, para que os homens tenham vida, impera a insensibilidade, a indiferença, a distração e o ressentimento. O mundo envelhece e desanima diante dos seus ídolos. Esquece a eterna juventude de Deus e do seu amor. Tãmanha contradição pode ganhar raízes dentro de cada um de nós.

Assim, podemos neste tempo de preparação para o Natal:

- Dar mais tempo à oração pessoal e em família para deixar os ídolos do nosso tempo e converter-nos ao Deus vivo.

- A oração torna-nos mais vigilantes, atentos ao momento presente, capazes de resistir às solitações do pecado, ao cansaço que leva à tristeza e à recusa da cruz de cada dia.

- A oração cristã alimenta a disposição a seguir Jesus, a deixar que ele nasça na nossa vida. Só o amor de Deus nos atrai e liberta de verdade.

**Domingo, 17 de dezembro  
III DOMINGO DO ADVENTO**

**Maria de Nazaré, a Jovem de oração  
que canta a alegria da Fé**

**«Vivei sempre alegres, orai sem cessar, dai graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus a vosso respeito, em Cristo Jesus» (1 Tes. 5, 16-18)**

Primeira leitura – Is. 61, 1-2a.10-11

Salmo – Lc 1, 46-50.53-54

Segunda leitura – 1 Tes 5, 16-24

Evangelho – Jo 1, 6-8.19-28

O profeta Isaías, na primeira leitura, lança um olhar retrospectivo sobre a sua missão e reconhece que o precedeu sempre o Espírito de Deus. Ele foi chamado e ungido pelo Espírito para anunciar o Evangelho aos pobres, para proclamar a consolação e a liberdade aos oprimidos, para instaurar o «ano da graça do Senhor». A missão descentra-o de si mesmo, provoca-o a sair de si, a dar a vida, a entregar-se àqueles a quem é enviado. Quem acolhe o agir de Deus na sua vida aceita este êxodo de si mesmo para dar-se aos outros. Aprende a ser generoso e recebe por acréscimo o dom da alegria. Isaías «exulta de alegria», «rejubila» em Deus porque foi revestido com as «vestes da salvação», envolvido «num manto de justiça», acolhido na festa das núpcias de Deus com a humanidade. A alegria resulta da progressiva germinação da Palavra de Deus na nossa vida. O cântico de Isaías, o seu louvor, a sua oração brota do dom de Deus que o acompanhou sempre na sua missão. Dom e missão são as razões da sua alegria. É a alegria que resulta da Aliança e, por isso, é uma alegria nupcial.

A exultação do profeta Isaías na primeira leitura parece contrastar com a austeridade do testemunho de João Batista no deserto pregando a conversão e o arrependimento. Na verdade, o caminho da alegria não se abre para nós sem exigência de vida, sem conversão, sem renúncia, sem sacrifício. Não é a alegria passageira de

quem não enfrenta os obstáculos, de quem não se confronta com a cruz da vida ou foge mesmo dela. João Batista é justamente chamado a testemunha da luz. Ele é o servo, como Isaías, não o Senhor e, no entanto, a luz de Deus passa já na sua vida antes de se mostrar plenamente em Jesus. João Batista retira-se para que Jesus passe. Ele é a voz, através da qual a Palavra chega até nós. Esta é certamente a sua alegria: abrir o caminho para a Palavra, para o Messias. A sua humildade e o seu desprendimento são fonte de luz para nós hoje. A alegria nasce do encontro com Jesus.

Em resposta à saudação de Isabel, Maria canta a sua alegria: «A minha alma glorifica o Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu salvador». Na sua oração, ela dá graças pelo dom da alegria partilhada com o seu povo. Com Maria, com João Batista e S. Paulo, nós somos chamados a ser testemunhas da luz, a unir sempre a escuta da Palavra, a oração, a ação de graças e a alegria. «O anúncio da Palavra cria comunhão e gera alegria. Trata-se duma alegria profunda que brota do próprio coração da vida trinitária e é-nos comunicada no Filho. Trata-se da alegria inefável que o mundo não pode dar. Podem-se organizar festas, mas não a alegria. Segundo a Escritura, a alegria é fruto do Espírito Santo» (Bento XVI Exort. Pós-sinodal *Verbum Domini*, 123).

- Na oração e na celebração da Eucaristia, recebemos de Deus a juventude e a alegria da fé. Com a mãe de Jesus « façamos silêncio para ouvir a Palavra do Senhor e meditá-la, a fim de que a mesma, através da acção eficaz do Espírito Santo, continue a habitar e a viver em nós e a falar-nos ao longo de todos os dias da nossa vida. Desta forma, a Igreja sempre se renova e rejuvenesce graças à Palavra do Senhor que permanece eternamente» (Papa Bento XVI)

## **Segunda-feira, 18 de dezembro**

### **Maria de Nazaré, a Jovem da Oração dos Justos**

Primeira leitura – Jer. 23, 5-8

Salmo – 71 (72), 2.12-13.18-19

Evangelho – Mt 1, 18-25

O profeta Jeremias diz-nos que Deus precede-nos no caminho da justiça, caminho que se mostra na sua própria revelação, na sua fidelidade à Aliança feita com Israel e, em Jesus, com toda a humanidade. Não só ensina-nos a sermos justos mas dá-nos o dom de sermos justos. Ele é a nossa justiça e, em Cristo, como diz S. Paulo nas suas cartas, a nossa justificação. Só Ele pode fazer surgir da linhagem de David um rebento justo, um rei que governe com sabedoria e estabeleça o direito e a justiça. Só Ele pode fazê-lo porque é justo. «O Senhor é a nossa justiça», isto é, Ele pode dar-nos, muito acima das nossas expectativas, tudo aquilo de que precisamos para sermos nós mesmos. O que tem para dar-nos é Ele mesmo, o seu amor. Ora, é na resposta ao amor de Deus por nós que nos tornamos justos. Na Bíblia, a justiça não consiste apenas em dar a alguém aquilo que lhe é devido mas em dar-lhe tudo aquilo de que tem absolutamente necessidade para existir e ser Ele mesmo. A justiça define-se como uma relação pessoal: ser justo, é dar ao «outro», ao «próximo», a capacidade de existir como pessoa, o que implica sempre o respeito, a atenção pelo outro, o dom da vida. Quando Deus salva o seu povo, quando o conduz da escravidão do Egito à terra de Israel, é justo porque lhe dá vida e esperança. A justiça é verdadeiramente inseparável da misericórdia de Deus e tanto uma como a outra não podem entrar em oposição.

A justiça de Deus realiza-se, da forma mais misteriosa e inaudita, quando Maria concebe por obra do Espírito Santo e a Palavra se faz carne no seu seio. Porque Deus vem habitar na nossa humanidade, então é possível ser justo. No Evangelho, S. José é chamado um «homem justo». Ele encontra-se na linhagem dos justos do Antigo Testamento, desde Abel e Job a João Batista, «homem justo e



santo» (Mc 6,20). Esta justiça atribuída a S. José e a tantos outros evoca em primeiro lugar a ideia de rectidão, de sabedoria e de bondade, de fidelidade à lei, de piedade, mas também a de misericórdia e de benevolência com o próximo, a de generosidade no respeito dos pobres. Numa palavra, todas estas pessoas têm «fome e sede de justiça».

S. Mateus nota que o anúncio do nascimento de Jesus a José foi feito através dum sonho, como acontece em outras ocasiões decisivas no Antigo Testamento. Assim é salvaguardada a liberdade de resposta de José, o que também se passa com Maria sua esposa. Deus respeita sempre a nossa liberdade mas é a nossa resposta que assimila em nós o dom de Deus, de modo a sermos justos uns com os outros. Esta resposta é totalmente nossa e ao mesmo tempo totalmente um dom de Deus. Pela sua fé, José acolheu o dom de Deus e tornou-se, um homem justo. A fé consiste em reconhecer que o dom precede a acção, sem no entanto depreciar a acção, ou mesmo declará-la inútil.

Na oração, acolhemos, como S. José, o dom de Deus e comprometemo-nos a agir para um relacionamento mais justo em família, no trabalho, na sociedade.

A justiça na Bíblia passa pela preservação do direito do mais pobre, pelo respeito daquele que não tem defesas e é excluído. A hospitalidade vence o individualismo e torna-nos atentos aos que mais necessitam.

A oração, porque nos abre a Deus, permite-nos acolher os outros com maior atenção e cuidado, sem desprezo. Trabalhar pela justiça é promover sempre a reconciliação e a unidade no meio em que vivemos.

**Terça-feira, 19 de dezembro**

**Maria de Nazaré, a Jovem de Oração de Esperança**

Primeira leitura – Juízes 13, 2-7.24-25a

Salmo 70(71), 3-4a.5-6ab.16-17

Evangelho Lc 1, 5-25

A Palavra de Deus situa-nos diante de dois casos de casais estéreis a quem Deus vai abrir um caminho de fecundidade. Em ambos os casos, não se trata apenas duma manifestação divina fora do comum, um caso extraordinário merecedor de admiração, mas sim duma revelação orientada para uma missão. No caso de Sansão, a missão é a de ser um chefe em Israel, guardando o povo em segurança face aos seus inimigos. João Batista recebe de Deus uma missão semelhante à do profeta Elias. Ele será cheio do Espírito Santo, reconduzirá os filhos de Israel ao Senhor, seu Deus e fará voltar «os corações dos pais a seus filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos». A missão de João é a da reconciliação, a da restauração da Aliança.

Deus abre um caminho inaudito no deserto da infertilidade destes dois casais que estavam de certo modo à parte, pois a infertilidade era estigmatizada em Israel como uma ausência de bênção divina. Deus mostra, pelo contrário, ao escolher dois casais estéreis, que vai ao encontro dos últimos, dos excluídos e confere-lhes fecundidade e bênção. Não há deserto para Deus, onde não possa brotar a fonte do seu amor. Sem o seu Espírito e os seus dons ninguém pode dar fruto. Manoé e a sua mulher, Zacarias e Isabel, podiam parecer nas margens da sociedade pela sua esterilidade. Deus põe-nos no centro da sua preocupação de Aliança. Não abandona ninguém às suas próprias misérias. No que parecia perdido, sem futuro, sem memória fecunda, a luz de Deus abre o caminho da esperança. Por vezes, nos momentos de dificuldade e de desânimo da vida de cada pessoa, nada parece germinar. Cada um pode sentir-se condenado aos seus próprios limites. A memória ferida pelos fracassos traz resignação e tristeza. No entanto, Deus não deixa de agir, de estar próximo, de perdoar e de revelar o seu amor. A luz de Deus irrompe

nos desertos, como a nova aurora da Ressurreição. O imprevisível acontece. O anjo de Deus anuncia a uma mulher estéril que vai ser mãe, a um casal idoso que terá um filho. Não há caminhos sem saída. Deus faz-se caminho na esterilidade dos desertos da vida.

Zacarias e Isabel são chamados «justos aos olhos de Deus», cumpridores da Lei, fiéis à Aliança. O facto de serem estéreis não é sinal da falta de bênção. Eles já possuem uma forma de fecundidade pelo exemplo da sua fidelidade em cumprir a lei. A nova fecundidade que vão receber com o anúncio do filho que vai nascer e a quem devem dar o nome de João tem em vista uma missão mais vasta do que o seu círculo familiar. João não será apenas a alegria de seus pais mas a alegria de todo um povo. No entanto, diante do anúncio do nascimento dum filho, Zacarias duvidou da escolha de Deus. Impediu que, na sua velhice, irrompesse a novidade, a juventude da Palavra e da promessa de Deus. O silêncio é-lhe imposto como uma forma de penitência, um período de renovação e de purificação, uma experiência de Páscoa e de abertura à esperança.

- Como diz Enzo Bianchi, «é preciso ter a coragem de resistir ao activismo e ter tempo de parar para rezar, isto é, essencialmente, para escutar. A oração é uma capacidade de atenção sem mistura à presença de Deus em si mesmo, nos acontecimentos, nos encontros. É um estado de vigilância, de lucidez que se opõe a todas as inclinações do espírito humano que tendem a embrutecê-lo, como a preguiça, a sonolência, a negligência, a superficialidade, a dispersão, o divertimento [...] A oração, é a coragem de reconhecer, com humildade, que tudo depende de Deus. Rezar torna-se então uma maneira de Lhe deixar o espaço necessário para que o seu Espírito intervenha na nossa existência. Tenhamos a paciência de esperar que Ele intervenha, não façamos as coisas em seu lugar. A gratuidade da oração explica também a sua dificuldade numa época que vive na angústia do tempo perdido. A oração age como um princípio de renovação que pode mudar o curso das coisas, inverter o curso do que parece enveredar insensivelmente da vida para a morte» (*Une vie simple*, p. 99-100).

**Quarta-feira, 20 de dezembro**

**Maria de Nazaré, a Jovem de oração humilde**

Primeira leitura Is 7, 10-14

Salmo 23 (24), 1-2. 3-4ab. 5-6

Evangelho Lucas 1, 26-38

As leituras de hoje põem-nos diante de dois personagens a quem Deus garante a sua presença: Acaz, a quem promete um filho, e Maria, a jovem a quem pede para ser Mãe do Seu Filho, o Messias prometido através de Isaías. Como recebem os dois esse anúncio de Deus?

Na primeira leitura, o rei Acaz encontra-se numa situação difícil mas em vez de acreditar e confiar no que o Senhor lhe diz e propõe através do profeta Isaías, prefere continuar a fazer alianças com o imperador da Assíria. Acaz na sua oração não quer pedir um sinal pois já tem os seus planos traçados e não quer escutar o que o Senhor tem para lhe dizer, o caminho mais coerente para seguir. Mesmo assim, Deus promete que ele terá um descendente e o seu nome será Emanuel, que significa Deus connosco, promessa esta que terá a sua realização plena em Jesus.

Como escuto o que o Senhor tem para me dizer? Deixo que me indique o caminho? Ou já tenho os meus planos sempre traçados? No Evangelho vemos que chegou o tempo de Deus realizar essa promessa. Ele é o Deus connosco e vem bater à porta de uma jovem, de uma cidade chamada Nazaré, que estava desposada com um homem chamado José. Maria, como jovem judia, confiava no Seu Senhor, esperava nele, pois era Pai, e certamente ela sabia-se barro nas suas mãos. É esta atitude humilde de quem se sabe nas mão de Deus que mantém o seu coração aberto e permite a Deus entrar onde ela estava, na sua realidade, na sua vida simples, nos seus sonhos de jovem mulher e também nos seus medos diante do futuro incerto. Ser humilde é saber que somos barro, que temos limitações, que não sabemos tudo, nem fazemos tudo bem, mas sabemos que Deus sempre

olha por nós, abraça-nos com tudo o que somos. Também é saber que temos muitas capacidades, talentos e qualidades, mas é preciso ser conscientes de que isso não faz de nós mais do que os outros, nem faz de nós pessoas menos frágeis do que os outros, ou com menos probabilidade para falhar do que os outros.

Maria sabia-se cuidada e olhada por Deus na sua força e na sua fragilidade. Essa terá sido a sua experiência ao escutar aquela saudação “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!”. “Alegra-te porque és amada, Deus encheu-te do Seu amor, és preciosa aos seus olhos”. Aquela que já vivia aberta à Graça de Deus, acolhe-a também agora e permanecerá sempre aberta a esse dom infinito que Deus lhe oferece, que é a Sua presença.

Como nos sentimos cuidados e olhados por Deus na nossa força e na nossa fraqueza? Vivemos abertos ao seu amor e à sua graça cada dia?

Maria nunca se distanciou nem rejeitou esse amor e o resultado desse acolhimento vê-se na sua resposta: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua Palavra.” Quem se sente alvo de tão grande amor, quem se sente escolhida para ser “morada” do próprio Deus, não pode senão responder desta maneira: Aqui estou para ti, faz em mim o que desejas! O que Deus quer não pode senão ser para o meu bem e o bem de muitos!

Maria deixa que Deus altere os seus planos, deixa-O mudar os seus sonhos e põe tudo o que tem, tudo que está ao seu dispor. E por isso, estamos nós aqui a celebrar hoje a nossa fé em Jesus.

Acreditamos que os planos de Deus sempre são para o meu bem e para o bem de muitos? Estamos dispostos a que Deus possa alterar os nossos planos e mudar os nossos sonhos?

**Quinta-feira, 21 de dezembro**

**Maria de Nazaré, a Jovem de oração de júbilo e alegria**

Primeira leitura Cânt 2, 8-14 ou Sof 3, 14-18a

Salmo 32 (33), 2-3. 11-12. 20-21

Evangelho Lucas 1, 39-45

A primeira leitura do Cântico dos cânticos coloca-nos diante de uma travessia, que é própria do homem que está “apaixonado” e que deseja encontrar-se com a sua amada. Esta mesma travessia é aqui descrita na perspectiva da amada, que contempla essa viagem e a expressa com as suas palavras.

De uma forma poética, vemos ali espelhado o risco que enfrenta aquele homem apaixonado, numa travessia que não consiste apenas em saltar colinas ou montanhas para aparecer como herói. O amado procura a sua amada e fá-lo movido por amor. E o amor que sente por ela é tão grande que vai esperá-la, vai permanecer atrás da sua janela até que esta descubra o seu olhar, o escute e decida levantar-se para ir ao seu encontro, abrindo-lhe a porta.

Na verdade, o amor coloca-nos sempre numa atitude de saída de nós próprios em direção aos outros. Quem ama procura agradar ao amado, vive numa atitude de constante busca e de aproximação. Quem ama procura conquistar o coração do outro, inventando criativamente gestos que despertem a sua atenção e os seus afetos.

A pessoa que ama deixa que o amor a conduza a regiões montanhosas, a esses lugares mais inóspitos onde o coração só vai se for movido por um amor maduro e autêntico. Quando amamos, quando nos atrevemos a amar sem condições, esse mesmo amor arranca de nós atitudes belas e surpreendentes. O amor é capaz de nos tornar belos e é também capaz de nos fazer ver beleza onde até então não a víamos. Quando amamos, descobrimos que «há mais felicidade em dar do que em receber».

Existe um júbilo misterioso, oculto, uma alegria autêntica em atravessar essas montanhas que se levantam como resultado do egoísmo, do medo e do individualismo humano. E são montanhas que

necessariamente temos de atravessar, se é que queremos amar bem.

Esta alegria profunda e não passageira é fruto do amor. O amado do Cântico dos cânticos quer visitar a sua amada quando ela não o espera, quer surpreendê-la e provocar nela também uma saída de si para amar. Esta mulher está dentro da sua casa e porque está fechada nesse espaço pode eventualmente não reconhecer a beleza que a rodeia. Quando permanecemos encerrados em nós próprios deixamos de experimentar este júbilo que é próprio de quem ama.

Esta alegria é também a nota dominante no evangelho de hoje. Em Maria vemos uma mulher cheia de júbilo, uma mulher alegre, não tanto pelos bens que possuía ou pelos conhecimentos que tinha adquirido sobre Deus, mas porque se deixou amar na sua pequenez. Maria deixou-se visitar por Deus, que bateu à sua porta. Foi precisamente o acolhimento da vontade divina a seu respeito que a fez sair de si. Num gesto de grande generosidade, Maria pôs-se a caminho em direção à região montanhosa e entrou na casa de Isabel e de Zacarias para os contagiar com a alegria de se saber amada e escolhida pelo amor.

Que possamos aprender de Maria a rezar, reconhecendo os momentos em que Deus toca à nossa porta, como aquele amado do Cântico dos cânticos, procurando-nos insistentemente, convidando-nos a abrir-lhe o coração, a escutá-lo, a acolhê-lo e a reconhecermos os frutos que o seu amor realiza na nossa pequenez. Que ela nos faça cristãos alegres, e que a nossa oração se torne um canto de alegria e de júbilo.

**Sexta-feira, 22 de dezembro**

**Maria de Nazaré, a Jovem de oração de súplica**

Primeira leitura 1 Sam 1, 24-28

Salmo 1 Sam 2, 1. 4-5. 6-7. 8abcd

Evangelho Lucas 1, 46-56

A primeira leitura dá-nos conta da alegria e gratidão imensas que habitam o coração de Ana, porque o Senhor ouviu o seu clamor, viu a sua aflição e atendeu a sua súplica. Depois de ter orado em lágrimas pedindo ao Senhor que lhe concedesse um filho varão, Ana, que era estéril, vai ser atendida na sua prece, concebendo e dando à luz um filho ao qual pôs o nome de Samuel, porque dizia: «eu o pedi ao Senhor».

Reconhecendo a graça que Deus lhe concedeu, Ana vai agora retornar ao templo para agradecer e consagrar o seu filho ao serviço de Deus.

O gesto de Ana é de uma beleza imensa, e ao mesmo tempo oferece-nos luz para o nosso caminho espiritual: como estou eu a acolher, a reconhecer e a agradecer as inúmeras graças diárias que o Senhor tem para comigo? Há muitas formas de esterilidade na nossa vida, ou, dito de outro modo, há muitas formas através das quais o Senhor nos vai tornando fecundos na nossa pobreza e limitação. E sabemos bem que essa obra não é nossa, não resultou das nossas forças, não foi fruto apenas do nosso empenho e desejo. É Deus quem, de muitas maneiras e em muitos momentos, vai atendendo as nossas súplicas.

Como anda o nosso sentido de gratidão? Sou capaz de retornar a Deus para lhe agradecer os dons que me concede e consagrar-lhe algo de mim?

No Evangelho vemos precisamente esta mesma atitude em Maria, que retorna a Deus com um coração inundado de surpresa e gratidão: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva: de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas».



Maria é bem consciente da sua humildade e pequenez. Sabe que Aquele que agora leva no seu ventre não é seu mas foi-lhe dado como dom, como fruto da ação do Espírito Santo no seu interior. Maria sabe-se escolhida e ao mesmo tempo sente-se pequena diante dos planos de Deus. No entanto, não se deixa vencer pelo medo. Pelo contrário, confia Naquele que é maior do que as suas forças e possibilidades, rezando: “faça-se em mim segundo a tua palavra”.

Como nos faria bem aprender de Maria a suplicar e a confiar. Suplicar só é possível a quem vence a tentação do orgulho auto-suficiente e reconhece os seus próprios limites. Confiar só é possível a quem vive da fé. Porque confiar não é controlar. Confiar não é calcular. Confiar não é dominar. Confiar é depositar a nossa fé Noutro que não sou eu. Confiar é contar com umas forças e uma esperança que são maiores do que as nossas. Confiar é dizer como Maria “não sei como será isso possível, mas faça-se”. Confiar é atrever-nos a suplicar a Deus o que não temos nem podemos e depois saber aguardar, saber esperar na sua Palavra. Quem confia, quem conta com umas forças para lá das suas, quem se lança, é mais feliz do que quem vive apenas calculando e programando e controlando.

Como diz o Papa Francisco no número 280 da Alegria do Evangelho, «não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulsiona para onde Ele quiser. O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento. A isto chama-se ser misteriosamente fecundos!»

**Sábado, 23 de dezembro**

**Maria de Nazaré, o convite à oração e conversão**

Primeira leitura – Malaquias 3, 1-4. 23-24

Salmo 24 (25), 4bc-5ab.8-9.10.14

Evangelho Lucas 1, 57-66

Na primeira leitura, o profeta Malaquias descreve a vinda do Salvador, como fogo e lixívia para fundir e purificar o seu povo. O Povo imaginava um tempo de castigo divino.

O messias virá depois do profeta Elias, e com o novo fogo, o espírito, e a água, reconduzirá para Deus aqueles que se encontram dispersos. A sua vinda não apresentará castigo ou destruição, o Senhor, assim como o profeta Elias, anunciará um reino de justiça e misericórdia. Por isso, reconduzirá o coração dos pais a seus filhos e o coração dos filhos a seus pais. Só assim, diante da misericórdia e da justiça divinas compreenderemos o dia grande e terrível do Senhor, onde será instaurado um tempo novo.

Esse tempo chegou, não veio Elias, mas João Baptista, aquele que reconheceu a presença do Salvador e que em toda a sua vida foi arauto daquele que é o caminho, a verdade e a vida. São as três características da Boa-nova de Jesus, em sentido ascendente, que nos elevam até Deus.

O nascimento de João Baptista é para Zacarias e Isabel um sinal da presença de Deus ao longo de toda a sua vida. São João Baptista é o profeta que aponta para o novo cordeiro, o novo-Elias, e Zacarias, por sua vez, no silêncio, acolhe a graça de receber o seu filho. São João Baptista tem a larga missão de anunciar aquele a quem todos esperavam, Zacarias é como que o deserto, onde ressoa a trombeta: preparai os caminhos do Senhor, endireitai as suas veredas!

A vinda do Senhor propõe duas atitudes: de purificação e acolhimento. Nós, somos também convidados a fazer silêncio. Só assim, poderemos (a)colher os frutos da sua estadia/passagem entre nós. Hoje poderemos ser mudos, mas o Senhor far-nos-á grandes sentinelas.

## Domingo, 24 de dezembro IV DOMINGO DO ADVENTO

### Maria de Nazaré, a Jovem da Oração do compromisso

Primeira leitura – 2 Sam 7, 1-5. 8b-12.14a.16

Salmo 88(89), 2-3.4-5.27.29

Segunda leitura - Rom 16, 25-27

Evangelho Lc 1, 26-38

As leituras deste Domingo realçam o grande tema da *promessa*: Deus jamais abandona o seu Povo. O Povo de Israel esperava o Messias, e pela boca dos profetas este Messias, «o grande rei», seria da descendência davídica.

Não é David quem constrói uma casa para a arca da Aliança. Deus não se limita a um lugar, ou a uma ação. Deus está no meio do seu povo, está com cada homem e mulher, na sua história pessoal, na realidade de cada um. Como ouvimos na profecia de Samuel, o rei David nunca esteve só, Deus acompanhou-o, levou-o pelos Seus caminhos. E porque David permaneceu fiel, o Senhor abençoou-o e à sua descendência.

Deus falou aos profetas, e por seu intermédio ao Povo de Israel, preparando assim a vinda do Messias, o rei que não reinaria ao jeito do rei David. A promessa de Deus a Abraão e à sua descendência, cumprida no nascimento de Jesus, convida-nos a olhar para a promessa de hoje entre Deus e cada um de nós.

O Senhor quer habitar no meio de nós para nos elevar até Ele. Dá-nos uma filiação, um nome, uma família e assim, habitando no meio de nós prepara-nos a habitação eterna.

São Paulo, na segunda leitura, reafirma o cumprimento da obra de redenção na pessoa de Jesus. A sua palavra expressa a sua promessa, tanto para judeus como para gentios, isto é, para todos. O mistério da salvação escondido desde toda a eternidade foi/está revelado pelo nascimento, morte e ressurreição de Jesus.

O nosso hoje é o mesmo de Jesus, a sua palavra está conjugada no presente. O futuro não se conhece, só a esperança cristã, ajudar-

nos-á a preparar o dia de amanhã, vivendo agora na presença de Deus cumprindo a sua palavra, assim como Maria: «faça-se».

O Evangelho da Anunciação do Anjo a Maria, revelando que ela seria mãe, expressa o quão radical é Deus. Ele veio ao mundo através de uma simples jovem. Deus conta com o ser humano para se revelar. Contou com Maria, e conta hoje connosco para que esta história, história de salvação, permaneça.

«Faça-se» - a resposta de Maria demonstra uma total entrega, uma plena disponibilidade; ela colocou-se como é diante de Deus, para que se cumprisse a Sua vontade. Maria é imagem da confiança, da oração, isto é, da total entrega do que somos e temos a Deus.

Com o Salmo 88 (89), damos graças ao Senhor pelas suas maravilhas, pelas misericórdias manifestadas em cada um de nós.

A celebração do nascimento de Jesus, o Natal, é um tempo forte de reconhecer o quão misterioso e maravilhoso é, deixar que Jesus nasça em cada um de nós. Misterioso porque Ele quer realmente viver em nós, é algo que não se explica mas vive-se; e maravilhoso porque dá frutos em nós e naqueles que nos rodeiam.



## NOME DE MARIA

Coro;  
Cantemos, cantemos,  
Cheios de alegria,  
Louvemos ó doce,  
Nome de Maria,  
Anjos e Pastores,  
Vinde em harmonia,  
P'ra louvar o Parto,  
Da Virgem Maria.

Cantemos, cantemos,  
Cheios de alegria,  
Louvemos ó doce,  
Nome de Maria.

Que Nome há mais Santo  
Que voz há mais pia,  
Que o santo que o pio,  
Nome de Maria.

É Vida, doçura,  
Grande melodia,  
É nossa esperança,  
Nome de Maria.

## **BENDITO**

Meu Deus que alegria  
Hoje nos causais,  
Assim manifesto  
Bendito sejas.

**Coro:**

**Bendito, bendito**  
**Mil vezes e mais,**  
**Nós céus e na terra**  
**Bendito sejas.**

De anjos e luzes  
Vos acompanhais.  
Nesse altar sagrado  
Bendito sejas.

O trono supremo  
Do céu que ocupais  
No mundo hoje temos  
Bendito sejas.

Deita-nos a bênção  
Que nela nos dais  
Um penhor de glória  
Bendito sejas.

## **DIZEI À SENHORA**

Dizei à Senhora  
Ó Vós que A louvais,  
Ave ó Maria,  
Bendita sejas.

**Coro: Bendita, bendita,**  
**Mil vezes e mais,**  
**Ave ó Maria,**  
**Bendita sejas.**

Nos céus e na terra,  
Onde quer que estais,  
Jesus é convosco,  
Bendito sejas.

Celeste Princesa,  
Em tudo imperais  
Bendita sois Vós  
Bendita sejas.



## PAI NOSSO

Ó Meu Deus imenso,  
Eu quero ser Vosso  
Por isso Vos rezo,  
Este Pai Nosso.

**Coro:**

**Pai Nosso, que nos céus estais:  
Louvado e bendito, bendito sejas.**

Vós que estais no cálix,  
Coberto com um véu,  
Sois Pai Nosso,  
Vós estás no céu.



Louvada seiais, Senhora,  
E a Vossa Conceição  
Vós sois a Mãe protetora  
Da portuguesa nação.

Rainha Mãe amorosa  
Que no vosso altar estais  
Atendendo carinhosa  
Os filhos que tanto amais.

Dai-nos festas mui felizes  
Alegria, amor, unção;  
Conservando nossas almas,  
No teu meigo coração.

## **VIRGEM DO PARTO**

**Virgem do Parto, Ó Maria,  
Senhora da Conceição  
Dai-nos as festas felizes  
A paz e a salvação.**

Senhora Virgem do Parto,  
Que nesse altar estais  
Atendei-nos, carinhosa,  
Os filhos que tanto amais.



*Pela fé, Maria concebeu  
e deu à luz o Filho de Deus*